

A MICRORREGIÃO DE PAU DOS FERROS (RN) A PARTIR DA LEITURA DO ÍNDICE DE DESENVOLVIMENTO HUMANO (IDH), ENTRE O PERÍODO DE 1991, 2000 e 2010

Francisco Willame Leite Rocha

Discente do Curso de Geografia da Universidade do Estado do Rio Grande do Norte, Campus CAMEAM, Pau dos Ferros-RN CGE/CAMEAM/UERN
willrochaleite@outlook.com

Larissa da Silva Ferreira Alves

Prof.^a Dr.^a do Curso de Geografia da Universidade do Estado do Rio Grande do Norte, Campus CAMEAM, Pau dos Ferros-RN
larissafferreira@uern.br

Resumo

Para o estudo de determinada região geográfica deve-se utilizar ferramentas e metodologias que possibilitem sua melhor leitura, considerando a necessidade de produção de informações que retratem a realidade observada no espaço. Pensando assim, neste trabalho é desenvolvido um estudo acerca da microrregião de Pau dos Ferros a partir da leitura do Índice de Desenvolvimento Humano (IDH), no momento em que se procura conhecer as características da dinâmica regional, e concomitante a isso, o possível desenvolvimento da microrregião no decorrer dos anos, de acordo com o indicador. São postas em análise as características regionais referentes a sua renda, educação e longevidade, sendo estas vertentes utilizadas para a definição do IDH. Consta-se que a utilização de indicadores sintéticos é importante ferramenta para a leitura de determinado espaço geográfico, abrindo caminhos para demais pesquisas e compreensões de determinado objeto espacial. Consta-se, ainda, que a microrregião de Pau dos Ferros obteve importantes saltos qualitativos em relação ao seu IDH no decorrer dos anos de 1991, 2000 e 2010.

Palavras-chave: Microrregião de Pau dos Ferros. Dinâmica Regional. Índice de Desenvolvimento Humano. Indicadores Sintéticos.

THE PAU DOS FERROS (RIO GRANDE DO NORTE STATE) MICROREGION FROM HUMAN DEVELOPMENT INDEX READING (HDI), BETWEEN THE PERIOD 1991, 2000 AND 2010

Abstract

For the study of a particular geographic region should use tools and methodologies that will enable their better reading, considering the necessity to produce information that portray the reality observed in space. Thinking thus, this work is carried out a study on the micro-region of Pau dos Ferros-RN, Brazil, from reading the Human Development Index (HDI), the moment you seek to know the dynamics of regional characteristics and concomitant to this, the possible development the micro-region over the years, according to the indicator. Under the review some regional characteristics are related like finance, education and longevity, and these strands used to define the HDI. It notes that the use of synthetic indicators is an important tool for reading some geographical area, opening the way for other surveys and understanding of a particular space. It notes also that the micro-region of Pau dos Ferros-RN obtained important leaps in relation to its HDI over the years 1991, 2000 and 2010.

Keywords: Microregion of Pau dos Ferros-RN. Regional dynamics. Human Development Index. Synthetic indicators.

1 Introdução

A multiplicidade de elementos que condicionam e são condicionados pelo espaço geográfico fazem com que os estudos geográficos sejam complexos. Pensando assim, a necessidade de definição de metodologias para melhor entendê-lo se faz de importante ferramenta para os encaminhamentos de estudos dessa natureza. Nesta perspectiva, este trabalho tem por objetivo analisar a microrregião de Pau dos Ferros, partindo da metodologia de análise da interpretação dos indicadores de Índice de Desenvolvimento Humano (IDH) dessa microrregião, que são utilizados para representá-la quanto a algumas de suas principais características, evidenciando questões ligadas a renda, a educação e também a expectativa de vida da população. Este estudo se desenvolverá levando em conta os anos propostos para análise, que são os de 1991, 2000 e 2010.

A organização do trabalho deu-se em seções, onde na primeira delas evidencia-se algumas das concepções teóricas acerca da utilização de indicadores sintéticos para as representações geográficas, seguindo pela compreensão da importância do conhecimento dos indicadores básicos municipais para o entendimento geral da microrregião. Por último faz-se uma análise do Índice de Desenvolvimento Humano – Municipal (IDH-M) da microrregião quanto ao seu processo de desenvolvimento e aferições sobre sua atual situação. Espera-se que esse estudo possa ampliar a compreensão microrregional, a partir de dados e indicadores oficiais, como forma de contribuir para o entendimento desse espaço a partir dessa perspectiva de análise.

2 Concepções teóricas sobre IDH

O conceito de desenvolvimento humano, utilizado largamente para a classificação de países e cidades, apresenta-se segundo trecho do relatório de desenvolvimento humano organizado pelo Programa das Nações Unidas para o Desenvolvimento (PNUD), como a possibilidade das pessoas viverem o tipo de vida que escolherem e com a provisão de instrumentos e de oportunidades para fazerem suas escolhas, sendo também vinculado às questões políticas, econômicas, de direitos humanos e de democracia.

Na busca de se atingir este desenvolvimento, passou a ser criado instrumentos técnicos que pudessem mensurar esta questão, com a utilização de indicadores sociais, produzidos por cálculos aritméticos, considerando três variantes principais: a renda, a educação e a longevidade.

A criação destes indicadores não se deu abruptamente. A necessidade de análise de outras variantes sociais para o reconhecimento de um possível desenvolvimento humano motivou a criação de indicadores como o IDH, que veio a complementar os estudos sobre o PIB e PIB *per capita*. Esta ideia se faz presente no trabalho de Guimarães & Jannuzzi (2005, p.74), aonde cita: “O surgimento do IDH foi bastante influenciado pela necessidade de suprir deficiências apontadas pelos indicadores de primeira geração – indicadores de natureza bastante restrita e simplória, a exemplo do PIB e do PIB *per capita*”.

Neste trabalho, os autores discorrem sobre a utilização dos indicadores sociais, ao qual denominam de *indicadores sintéticos*, visto sua importância na formulação, implantação e análise de políticas públicas, porém entendendo que por muitas vezes as particularidades regionais não possam ser consideradas, tendo em vista a objetividade dos dados numéricos.

Desde seu ano de criação até os dias atuais, os estudos de desenvolvimento humano procuraram através de diferentes metodologias como relatórios e dados estatísticos, retratar as regiões aferindo valores numéricos, e classificando os países como de alto, baixo e médio desenvolvimento, a partir destes valores.

No entanto, as desigualdades existentes dentro do território têm instigado a uma desfragmentação destes estudos em IDH, possibilitando a análise sobre grupos específicos dentro de cada território. Uma das primeiras intenções de estudo redimensionado em IDH se deu na questão do gênero, sendo percebida esta preocupação desde os primeiros relatórios lançados pelo PNUD.

Outra questão abordada quando se visa o desenvolvimento humano a partir da análise desfragmentada destes indicadores no intuito do melhor conhecimento da composição territorial nos países refere-se às etnias dos povos, de modo que esse conhecimento pode receber grande auxílio se associados aos estudos de IDH.

No Brasil as questões étnicas estão relacionadas à própria formação do território, sendo deste modo imprescindível para o entendimento do atual estágio de desenvolvimento no país.

Esta temática é ainda centro de discussões presente no trabalho de Paixão (2000), quando trata do desenvolvimento humano por etnias no Brasil. Neste trabalho, ele procura evidenciar fatores históricos que contribuíram para o entrave das pesquisas de desenvolvimento humano redimensionado a questão étnica. Segundo o autor, a ideia de que seria inviável a pesquisa por etnia se considerado o auto grau de miscigenação da população é totalmente equivocada, pois afirma ser essa uma atitude pensada das elites nacionais para afastar a discussão étnica do berço nacional, com vistas a manutenção de seus interesses.

A inexistência do quesito cor nas pesquisas dos censos até determinado anos, considerando os recenseamentos gerais ocorridos nos anos de 1900 e 1920, segundo banco de dados do Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística (IBGE), impossibilitou o conhecimento destes dados, impedido deste modo uma avaliação do desenvolvimento destes grupos no Brasil. Somente após 1908 é que este quesito passou a ser incorporado definitivamente aos questionários, porém sofreu regressões no período da ditadura militar no país, fazendo com que a análise do IDH só tenha sido possível desagregando para a questão étnica. Assim, mostra-se que a forma de composição e publicitação dos indicadores sociais sejam instrumentos de poder.

Deste modo, a análise de desenvolvimento veio configurando-se de forma fragmentada, ou seja, delimitando cada vez mais seu campo de estudo, na busca de entendimento mais qualificado de determinadas questões presentes no espaço geográfico. Porém, mesmo assim apresenta-se como importante instrumento de mensuração das desigualdades existentes dentro dos países, possibilitando por exemplo a definição da atuação de políticas de assistência ao cidadão, tendo em vista os direitos vigentes na Constituição.

São inquestionáveis as múltiplas contribuições advindas dos estudos de desenvolvimento para os países, estados e municípios que fazem uso desta metodologia de avaliação. No entanto, existe a preocupação ao se trabalhar com indicadores sintéticos, de procurar sempre refletir sobre seus resultados, reduzindo assim possíveis disparidades entre a realidade do desenvolvimento territorial analisado e a indicação deste desenvolvimento expresso em números.

Ainda sobre os estudos de desenvolvimento a partir da desfragmentação do IDH, podemos citar o IDH-M, que é neste caso, os estudos de desenvolvimento aplicado aos municípios.

Ao analisar-se a região do Alto Oeste Potiguar e mais precisamente a microrregião de Pau dos Ferros, elenca-se os indicadores dos IDH-M dos municípios que formam a microrregião como metodologia de acompanhar e compreender as possíveis alterações referentes ao desenvolvimento de seus municípios, concomitante às transformações vivenciadas nessa microrregião entre os anos de 1991, 2000 e 2010.

Não apresentando diferenças significativas na composição do IDH, o IDH-M considera três dimensões (renda, educação e longevidade), sofrendo algumas alterações no quesito renda, no caso deixando de considerar a renda familiar *per capita*, para a renda municipal *per capita*.

Entre alguns trabalhos desenvolvidos acerca do IDH-M, podemos citar Batella & Diniz (2006), que vem a tratar da utilização desse método de análise, tendo com plano de estudo as cidades mineiras, considerando ao mesmo tempo suas respectivas classificações quanto grandes e médias cidades. Com este estudo, pode-se perceber, entre outras coisas, que algumas cidades mineiras consideradas pequenas e médias apresentavam IDM-M bastante elevado, levando-se a fazer uma relação direta entre o tamanho das cidades e seus indicadores de desenvolvimento.

No Brasil, a composição do IDH está associada a organizações como IBGE e o PNUD, que trabalham no intuito de produzir e disseminar estas informações. O PNUD através de informações disponibilizadas pelos Censos do IBGE, elabora os estudos de IDH, produzindo relatórios que trazem em seus conteúdos informações referentes aos indicadores sociais do país.

No ano de 2013, juntamente com o Gabinete do Relatório do Desenvolvimento Humano (GRDH), o PNUD elaborou o Relatório do Desenvolvimento Humano, abordando os diversos aspectos que compõe a dinâmica nacional quanto ao desenvolvimento.

Em uma perspectiva mais recente, são analisados no relatório entre outras questões, os índices de desenvolvimento dos países do Sul do continente americano, no mesmo instante que analisa seu comportamento na economia mundial, e ainda questões alternativas como meio ambiente e educação, o que vem a acrescentar reflexão sobre o atual papel geopolítico da América Latina no contexto internacional.

Ainda sobre as contribuições do PNUD para o levantamento destas informações, percebe-se que esta instituição tem-se mostrado bastante significativa, na medida em que desenvolve diversos modelos de aplicações para o tratamento dos indicadores de IDH, ampliando a capacidade de acesso ao conhecimento à toda a população.

As edições do Atlas do Desenvolvimento Humano do Brasil produzidos pelo PNUD oferecem a visão dos indicadores de IDH de estados e municípios, podendo estes ser consultados e analisados para diversos fins, como o gerenciamento de políticas públicas pelos municípios a partir do IDH-M, ou o conhecimento dos indicadores sociais de determinada região em análise pela população.

São ainda elaboradas pelo PNUD, algumas complementações dos indicadores de desenvolvimento humano, como o Índice de Desenvolvimento Humano Ajustado a Desigualdade (IDHAD), que analisa as três dimensões utilizadas pelo IDH de acordo com seu nível de desigualdade. Além desta variação, tem-se o IDG, que seria o Índice de Desigualdade de Gênero, já debatido anteriormente, e o IPM, que é o Índice de Pobreza Multidimensional.

A partir dessas reflexões é perceptível verificar como os indicadores numéricos que avaliam condicionantes socioeconômicos apresentam fragilidades para a análise do espaço geográfico, porém fundamentam outros questionamentos, análises e até refutações sobre concepções cristalizadas ao longo do tempo sobre determinadas realidades.

Nesse sentido, como forma de ampliar as contribuições dadas pelos indicadores do IDH no Alto Oeste potiguar, especificamente na microrregião de Pau dos Ferros, entende-se ser necessária uma compreensão inicial sobre a realidade geográfica dessa microrregião para que, após a análise do IDH, possa-se compreender em que medida o IDH e demais indicadores estão em consonância com a realidade, além, é claro, do ponto de vista geográfico do pesquisador sobre os números.

3 Contribuições dos indicadores básicos municipais para o estudo do IDH-M da microrregião de Pau dos Ferros

Nesta seção, a discussão se desenvolve acerca da importância dos indicadores básicos para mensurar e retratar o desenvolvimento dos municípios, e ainda o modo como esses dados se mostram indicativos para a definição e compreensão do IDH da microrregião.

3.1 Materiais e métodos

Tratando-se de dados secundários, eles são produzidos a partir de pesquisas sistematizadas por entidades de pesquisas habilitadas, neste caso o IBGE, órgão que coordena as diversas etapas dos censos demográficos no Brasil, e após isso a disponibilização destes dados para consultas, sendo uma das principais fontes de pesquisa para esta etapa deste trabalho.

Cientes da necessidade de conhecimento das características fundamentais da região em análise, é feito ainda o breve resgate histórico da microrregião de Pau dos Ferros, do mesmo modo como as múltiplas relações presentes neste espaço, tanto entre os municípios que a formam como entre a própria microrregião e o restante do estado.

O IBGE, que desenvolve seu trabalho na produção e disseminação de informações estatísticas, é responsável pelo mais completo sistema de estudos e pesquisas dentro do território brasileiro, mensurando informações como o número do contingente populacional, renda, educação entre outras variantes, do mesmo modo como questões de gênero e etnia.

Através das pesquisas realizadas pelo IBGE que, associados, a outros órgãos como o PNUD são produzidas informações estatísticas sobre as diversas características das sociedades, assim como a produção de indicadores sintéticos como o IDH, o qual está sendo utilizado neste trabalho para a leitura da microrregião de Pau dos Ferros, sendo estes dados integrados a outras ferramentas para a elaboração do estudo de IDH, em nosso caso o programa Terra View (INPE, 2014) *software* de produção e gerenciamento de mapas, a partir do qual são produzidos mapas temáticos.

3.2 Caracterização da área

Situada na região do Alto Oeste Potiguar, a microrregião de Pau dos Ferros (Figura 01) apresenta em sua dinâmica, uma multiplicidade de relações entre os municípios que a constituem, podendo ser essas comerciais-econômicas, culturais e políticas, contribuindo deste modo para a dinâmica de seus indicadores quantitativos, os quais nos propomos a estudar. Como forma de apresentar sumariamente a região, pontua-se aqui alguns dados sobre população, PIB e etnia, já que indicadores como renda, educação e longevidade serão analisados a partir do IDH em outra seção do trabalho.

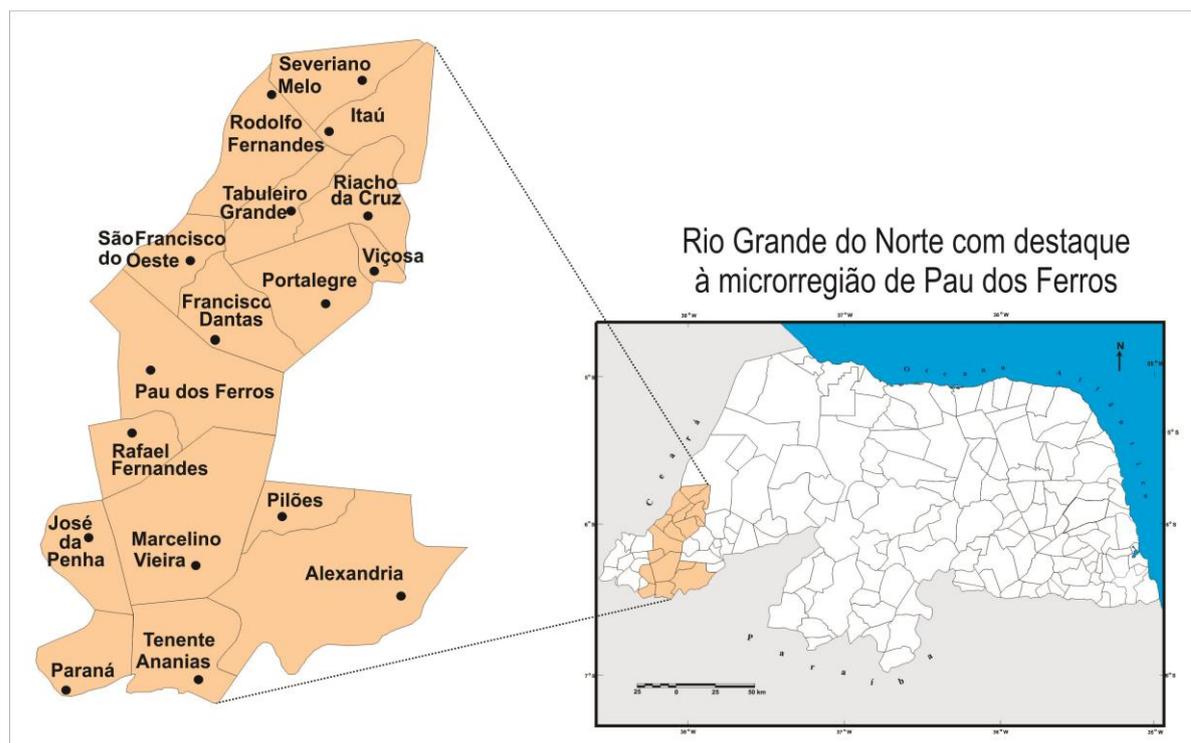


Figura 1: Municípios que compõe a microrregião de Pau dos Ferros

Fonte: Mapa base do IBGE, 2009. Adaptado por ALVES, L.S.F; ROCHA, F.W.L., 2014.

Todos os municípios que constituem a microrregião em análise, a partir de aferições quantitativas do IBGE (2010), são classificados como de médio IDH, da mesma forma que os demais municípios do estado do Rio Grande do Norte.

O município de Pau dos Ferros, que polariza a microrregião em questão, se destaca entre os demais por diversos fatores, dentre eles o maior contingente populacional, por apresentar-se como o município de maior IDH da microrregião e por apresentar demais serviços que os demais.

Os dados do IBGE referentes a população residente¹ dos municípios que formam a microrregião, possibilitaram o conhecimento do número populacional presente em cada um deles e sua divisão entre os setores rurais e urbanos. A dinâmica populacional existente também pode ser percebida na medida em que é identificado que a maior parte da população está concentrada em áreas urbanas, em contraponto a outras realidades como o município de Tabuleiro Grande que tem seu total de habitantes conferido em 2.317, onde apenas 430 residem na área urbana, sendo deste modo o número populacional rural superior. Já em outros casos, é perceptível o equilíbrio entres os dois setores na dinâmica municipal.

A **tabela 1** reúne as informações sobre a população dos municípios da microrregião.

¹ Utilizamos a definição aferida pelo IBGE, onde o conceito de população residente se apresenta como indivíduos que independentemente do momento censitário, estão presentes ou ausentes numa determinada unidade de alojamento, aí habitarem a maior parte do ano ou detinham a totalidade ou a maior parte dos seus haveres. É a partir desta perspectiva que é analisado aqui a população residente dos municípios da área geográfica em análise.

Municípios	População Total	População Rural	População Urbana
Pau dos Ferros	27.745	2.194	25.551
Rafael Fernandes	4.692	1.983	2.709
Marcelino Vieira	8.265	3.371	4.894
Tenente Ananias	9.883	3.058	6.825
Riacho da Cruz	3.165	491	2.674
Portalegre	7.320	3.477	3.843
Paraná	3.859	524	3.335
Itaú	5.564	775	4.789
Severiano Melo	5.752	3.634	2.118
São Francisco do Oeste	3.874	926	2.948
Viçosa	1.618	77	1.541
Pilões	3.453	2.533	920
José da Penha	5.868	2.326	3.542
Alexandria	13.507	4.318	9.189
Francisco Dantas	2.874	1.227	1.647
Taboleiro Grande	2.317	1.887	430
Rodolfo Fernandes	4.418	684	3.734

Tabela 1: Indicadores básicos populacionais da microrregião de Pau dos Ferros

Fonte: IBGE, 2010.

Deste modo, é compreendido que os municípios apresentam peculiaridades quanto aos aspectos populacionais, e que estas peculiaridades são de fato, delineadores das características formadoras dos espaços geográficos, e ainda mostra-se como condicionantes ao desenvolvimento de outros indicadores para a microrregião, como a renda e a educação.

Outro aspecto referente aos municípios da microrregião que merece destaque, diz respeito ao PIB *per capita*, de modo que possibilita o conhecimento desses valores, interligados aos estudos das principais atividades geradoras de renda de tais municípios, e o modo como essas atividades mostram-se significativas para o desenvolvimento da microrregião de Pau dos Ferros.

Pode-se perceber que o PIB por município da microrregião, apresenta certa estabilidade, mantendo uma média entre eles. A análise da tabela 2 permite perceber que entre os municípios, Pau dos Ferros é o que apresenta maior indicador de renda (R\$ 8.598,08), sendo esta característica relacionada a sua condição de destaque na microrregião.

Os demais municípios apresentam seus indicadores em torno de 5.000 à 6.000, sendo este caráter semelhante de indicadores ligado às características também semelhantes entres os municípios, como o número populacional, atividades geradoras de renda e gestão pública.

Municípios	PIB per Capita (R\$)
Pau dos Ferros	8.598,08
Viçosa	6.428,17
Taboleiro Grande	6.216,16
Itaú	6.049,81
Francisco Dantas	5.917,28
Severiano Melo	5.737,01
Pilões	5.718,91
Rafael Fernandes	5.648,08
José da Penha	5.540,13
São Francisco do Oeste	5.535,57
Marcelino Vieira	5.431,90
Alexandria	5.390,60
Riacho da Cruz	5.246,15
Rodolfo Fernandes	5.191,72
Paraná	5.179,69
Tenente Ananias	5.147,06
Portalegre	5.049,10

Tabela 2: PIB per capita dos municípios da Microrregião de Pau dos Ferros em ordem decrescente.

Fonte: IBGE, 2010.

As grandes contribuições para a classificação do PIB da cidade de Pau dos Ferros, dizem respeito em primeira análise, às atividades de comércio desenvolvidas no contexto da microrregião, assim como outras atividades menos significativas, diante a dinâmica dos PIBs municipais, como as provenientes dos setores rurais de produção.

A maioria dos municípios, como já dito anteriormente, apresenta estreita semelhança no tocante ao PIB per capita e que de fato este fenômeno está ligado a também semelhança de características dos municípios, como o número populacional, as atividades econômicas desenvolvidas, entre outros fatores que condicionam esta observação. O PIB dos municípios devem ser analisados juntamente a políticas de gestão dos seus recursos, visto que municípios que já polarizaram a microrregião em períodos anteriores, como por exemplo o município de Alexandria, apresenta baixo indicador de PIB, podendo ser o motivo desta observação ligado ao crescimento do município, juntamente ao não acompanhamento deste, da questão da oferta de serviços, o que pode ter causado maior índice de pobreza.

Outro indicador básico dos municípios analisados nesta parte desta pesquisa, se volta para a identificação das etnias presentes na microrregião, juntamente ao quesito trabalho, onde é identificado aqui o número de empregados que possuem carteira assinada, por critério de cor ou raça (**Tabela 3**).

Cor ou Raça	Números percentuais de empregados com carteira assinada na Microrregião de Pau dos Ferros
Amarela	0,73%
Branca	55,44%
Indígena	0%
Preta	7,23%
Parda	36,6%

Tabela 3: Empregados com carteira assinada na Microrregião de Pau dos Ferros, subdivido pelo critério de etnia

Fonte: IBGE, 2010.

Os dados conferidos na tabela acima, refere-se a porcentagem calculada entre o número de empregados na microrregião, em relação ao grupo de trabalhadores possuidores de carteira assinada, sendo este grupo constituído por 7.069 pessoas, sendo ainda classificados pelo critério de etnia. A partir das análises percebe-se que do total de empregados e que

possuem carteira assinada, a grande parte estão inseridos no grupo que declarou-se pertencente a raça branca, sendo este valor 55,44%, seguindo pelos de cor parda que pode ser verificado em 36,6%, e negros e amarelos respectivamente, representados em 7,23% e 0,73%. A porcentagem aferidas a raça indígena é zero, sendo que não existe nenhuma declaração deste grupo enquanto trabalhadores e possuidores de carteira assinada. Deste modo percebe-se uma afirmação entre o grupo de raça branca diante questões de trabalho e regularização de suas funções.

Desde modo, ratificando o exposto no início desta seção, o conhecimento de alguns dos indicadores básicos municipais, mostra-se em primeiro lugar como atividade necessária, quando se pretende estudar a complexidade de determinado território, além de possibilitar conhecer em partes, a partir de indicadores sintéticos, a realidade dos municípios.

4 Análises do desenvolvimento da microrregião de Pau dos Ferros a partir de seus indicadores de IDH, entre os anos de 1991, 2000 e 2010

Nesta seção, é feita a leitura da microrregião de Pau dos Ferros a partir da espacialização dos indicadores do IDH (IDH-M²; IDHM-R³; IDHM-E⁴; IDHM-L⁵) na escala temporal ora indicada.

Dentro do contexto dos indicadores, busca-se compreender quais deles sofreram maiores alterações no decorrer dos anos, e as circunstâncias que as motivaram, e a análise demonstra uma grande dinâmica entre estes anos, onde os municípios além de apresentarem diferenciações quanto ao desenvolvimento de modo geral, se considerado o IDH-M de cada um deles, apresentam variações quanto as vertentes utilizadas para a definição do IDH.

Como exemplo, municípios que em determinados anos apresentaram alterações mais significativas no que diz respeito ao quesito educação, em anos posteriores a renda e a longevidade foram os que mais apresentaram destaque.

A partir da observação da **figura 2**, que representa o IDH da microrregião de Pau dos Ferros no ano de 1991, é verificado que a maior parte dos municípios tem seus IDHs definidos em 0,260 à 0,360, enquanto que apenas os municípios de Pau dos Ferros, Rafael Fernandes, Taboleiro Grande e Itaú apresentam um aumento nestes números sendo eles observados em 0,360 à 0,460. A proximidade entre estes municípios com Pau dos Ferros, que iniciou seu processo de polarização na década de 1970, pode mostrar-se condicionante para a configuração dos seus IDH's mais elevados em relação aos demais que compõe a microrregião, visto que esta proximidade locacional viabiliza atividades ligadas a questões de trabalho e acesso à educação, contribuindo deste modo para o aumento de seus indicadores quanto a expectativa de vida, assim contribuído para o aumento dos indicadores de modo geral.

² IDH-M-Municipal

³ IDHM-R-Renda

⁴ IDHM-E-Educação

⁵ IDHM-L-Longevidade

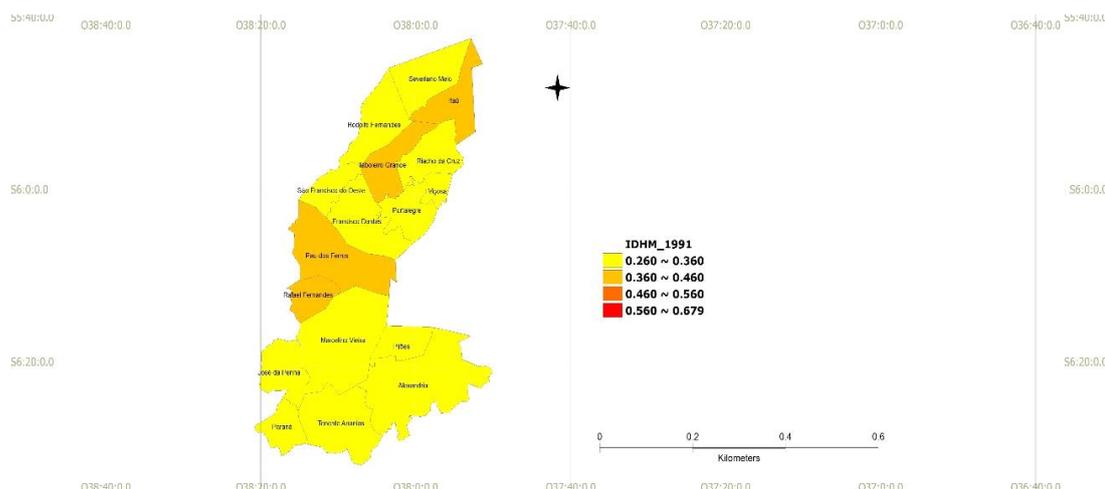


Figura 2: Mapa do IDH-M da Microrregião de Pau dos Ferros - 1991
Fonte: Mapa base do IBGE, 2009. Adaptado por ALVES, L.S.F; ROCHA, F.W.L., 2014.

Se comparado aos anos posteriores de 2000 e 2010, percebe-se que o aumento destes índices se fez de forma contínua na maior parte dos municípios, e que já no ano de 2000 é visível (**Figura 3**) o despontamento do município de Pau dos Ferros na microrregião em relação aos demais, reafirmando-se enquanto polo centralizador de relações na microrregião, canalizando deste modo políticas de desenvolvimento para o município.

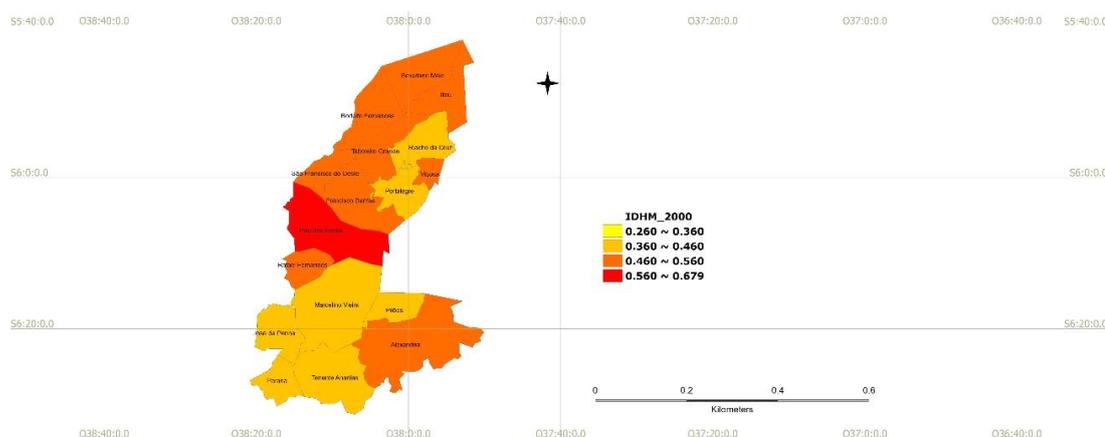


Figura 3: Mapa do IDH-M da Microrregião de Pau dos Ferros – 2000
Fonte: Mapa base do IBGE, 2009. Adaptado por ALVES, L.S.F; ROCHA, F.W.L., 2014.

A dinâmica de evolução do IDH-M na microrregião é ratificada quando se observa no mapa, que todos os municípios que a forma, estão classificados no ano de 2010 (**Figura 4**), com indicadores numéricos entre 0,560 à 0,679, sendo possível afirmar deste modo, após análises comparativas dos dados de IDH-M nos anos já citados, que a microrregião caminhou para a evolução dos seus indicadores entre 2000 e 2010. A melhoria das questões ligadas a educação e saúde no contexto da microrregião deu-se pela criação de políticas públicas na perspectiva de erradicação do analfabetismo, especializações de professores, maior acesso à universidade, entre outras serviços; e ainda no tocante às questões de saúde pública que embora ainda apresentam deficiências de sua aplicabilidade na microrregião, assim como no restante do estado, apresentou uma maior descentralização de suas atividades, possibilitando a

construção de espaços que reúnem condições para o desenvolvimento da população ainda no patamar inicial de seu crescimento.

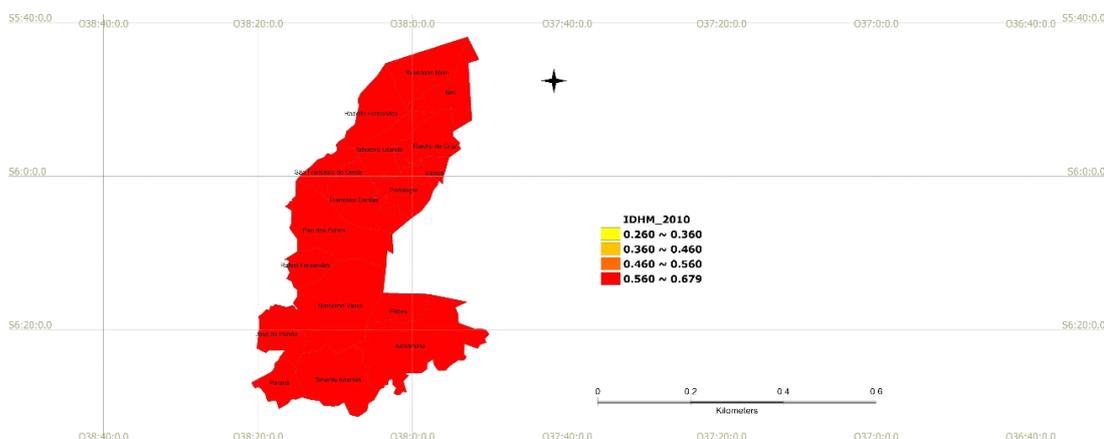


Figura 4: Mapa do IDH-M da Microrregião de Pau dos Ferros – 2010
Fonte: Mapa base do IBGE, 2009. Adaptado por ALVES, L.S.F; ROCHA, F.W.L., 2014.

Referente ao quesito educação, os municípios antes citados, neste caso, Pau dos Ferros, Rafael Fernandes e Itaú, por apresentarem o IDH-M mais elevado em relação aos demais da microrregião no ano de 1991, foram portanto os que mais se destacaram em relação aos índices educacionais neste ano, exceto o município de Taboleiro Grande, que apresentou evolução apenas nos vinte anos seguintes, do mesmo modo como o restante dos municípios, o que nos permite pensar em uma relação direta entre o IDH-M e o IDHM-E da microrregião, na medida que se visualiza o aumento dos indicadores para educação como condicionante ao aumento de outros indicadores, como a renda e a longevidade, contribuindo para o aumento do IDHM de modo geral.

Referente ao ano 2000 (**Figura 5**), todos os municípios mostraram alterações neste quesito, onde a maioria deles que apresentava valor em 0,092 à 0,230, evoluíram e apresentaram seus indicadores em 0,230 à 0,350. O município de Pau dos Ferros, Rafael Fernandes e Itaú continuam em 2000 a se apresentar como os que possuem o IDH-E mais elevado.

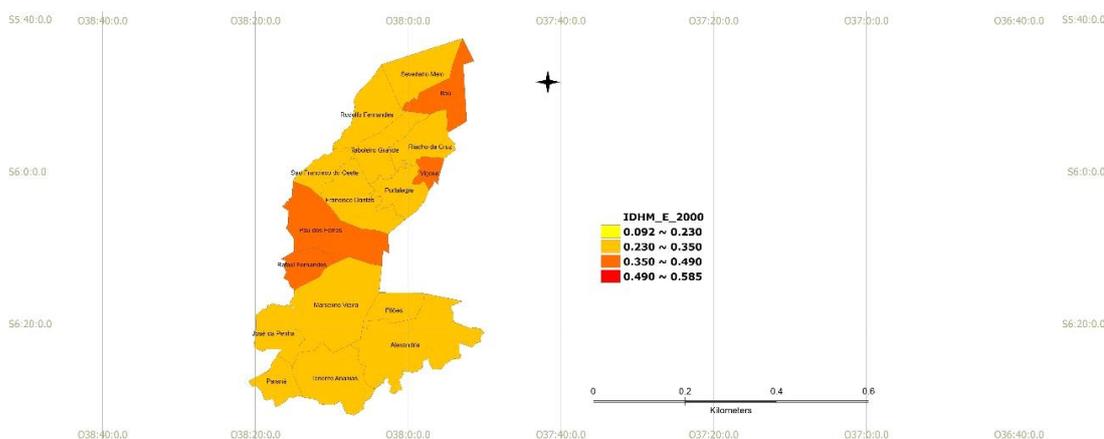


Figura 5: Mapa do IDH-E da Microrregião de Pau dos Ferros – 2000
Fonte: Mapa base do IBGE, 2009. Adaptado por ALVES, L.S.F; ROCHA, F.W.L., 2014.

É importante destacar ainda o município de Viçosa, que sofreu visível alteração em seus indicadores entre os anos de 1991 e 2000, onde seu IDH-E no primeiro ano era 0,092 à 0,230, enquanto que em 2000 apresentou certa evolução, mostrando valor de 0,350 à 0,490, sendo bastante importante para a definição do IDH-M do município, visto que, como já citado anteriormente embora possam ser analisados isoladamente, os indicadores dos municípios apresentam-se interligados, e que a dinâmica de um, pode alterar a significância do outro. Foi neste período, ou seja entre 1991 e 2000, que passaram a ser implantados políticas de otimização da educação, mudando o quadro dos indicadores dos municípios, e principalmente o município de Viçosa. Que como pode ser percebido, alterou substancialmente seus números sobre esta vertente.

As políticas públicas implantadas na região para a melhoria da microrregião e para o Semiárido brasileiro como um todo têm contribuído para esta mudança, mesmo havendo críticas acerca dos reais investimentos em educação.

Esta afirmação pode ser percebida quando se visualiza o indicador significativamente baixo para ano de 2000 (0,092), e o referente ao ano de 2010, onde este valor salta para 0,490 para grande parte dos municípios. É importante ressaltar que o aumento destes indicadores está relacionado também a uma política econômica do país, que é forçado a atender a exigências de órgãos internacionais para acesso a empréstimos ou demais créditos.

No que se refere ao ano de 2010 (**Figura 6**), vê-se intensa evolução nos indicadores referentes a educação na microrregião, considerando que dos dezessete municípios que a formam, quatorze apresentaram salto qualitativo no período de vinte anos. Em números essa evolução pode ser representada da seguinte forma; em 1991 as aferições quantitativas ao quesito educação na maioria dos municípios, se apresentava em 0,092 à 0,230 enquanto que em 2010, o IDHM-E da maioria dos municípios era de 0,490 à 0,585, excetuando apenas os municípios de José da Penha, Tenente Ananias e Riacho da Cruz.

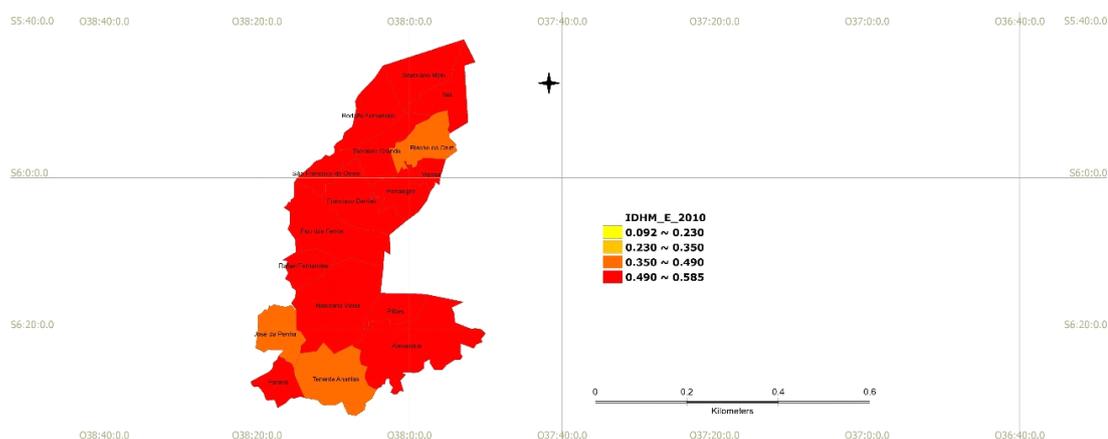


Figura 6: Mapa do IDH-E da Microrregião de Pau dos Ferros – 2010

Fonte: Mapa base do IBGE, 2009. Adaptado por ALVES, L.S.F; ROCHA, F.W.L., 2014.

Deste modo, a evolução do quesito educação fez-se bastante relevante, na medida que observa que os municípios nos primeiros anos de análises pareciam se desenvolver neste quesito de forma bastante heterogênea, chegando ao ano de 2010 com indicativos mais próximos em relação uns aos outros, o que aponta uma menor discrepância nas desigualdades microrregionais em relação aos indicadores de educação, embora ainda haja a necessidade de melhorias da realidade educacional, visto as possíveis disparidades presentes entre a realidade observada no território e as aferições quantitativas para este quesito.

Em relação ao IDHM-L (**Figura 7**), uma das primeiras observações a serem feitas quanto a longevidade é mais uma vez o destaque do município de Pau dos Ferros em relação aos demais, sendo que no ano de 1991, o indicador de longevidade já se mostrava em 0,730 à 0,804, enquanto que os demais municípios apresentam seus números em torno de 0,524 à 0,580.

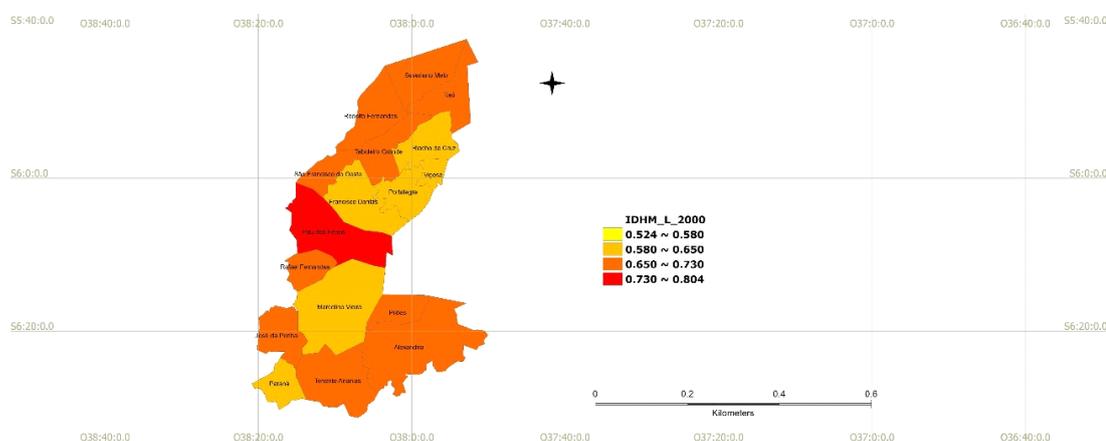


Figura 7: Mapa do IDHM-L da Microrregião de Pau dos Ferros – 2000

Fonte: Mapa base do IBGE, 2009. Adaptado por ALVES, L.S.F; ROCHA, F.W.L., 2014.

No ano de 2000 já pode ser observado certa alteração nos índices de longevidade dos municípios de modo geral. No entanto não muito significativa, visto que apenas alguns deles apresentaram alterações relevantes, excetuando o município de Pau dos Ferros que continuou a liderar neste quesito.

É apenas no ano de 2010 que se observa a significativa alteração no IDHM-L (**Figura 8**), da microrregião, onde pode ser visto no mapa que quase totalidade dos municípios, fora Severiano Melo e Itaú, apresentaram alterações neste quesito, sendo este indicativo representado em números em 0,730 à 0,804, se comparado aos anos iniciais de análise, onde a maior parte destes municípios se classificavam em 0,524 à 0,580.

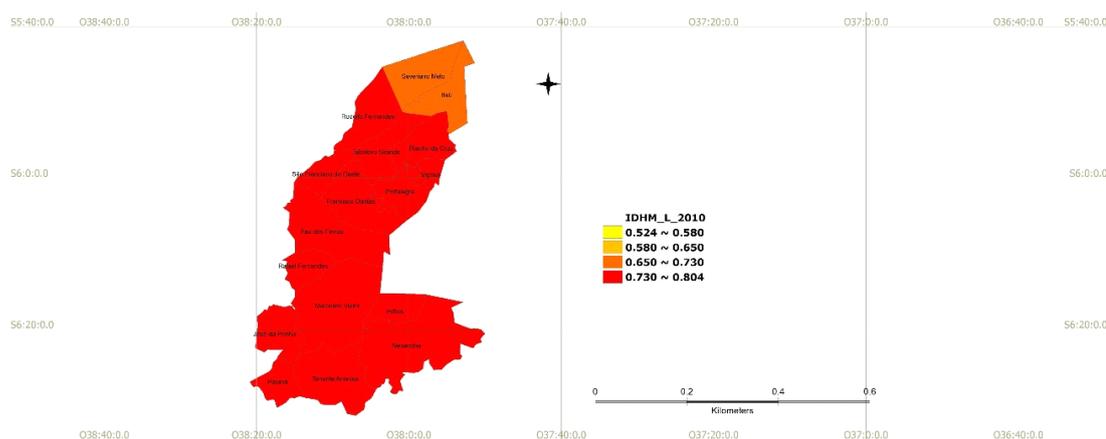


Figura 8: Mapa do IDHM-L da Microrregião de Pau dos Ferros – 2010

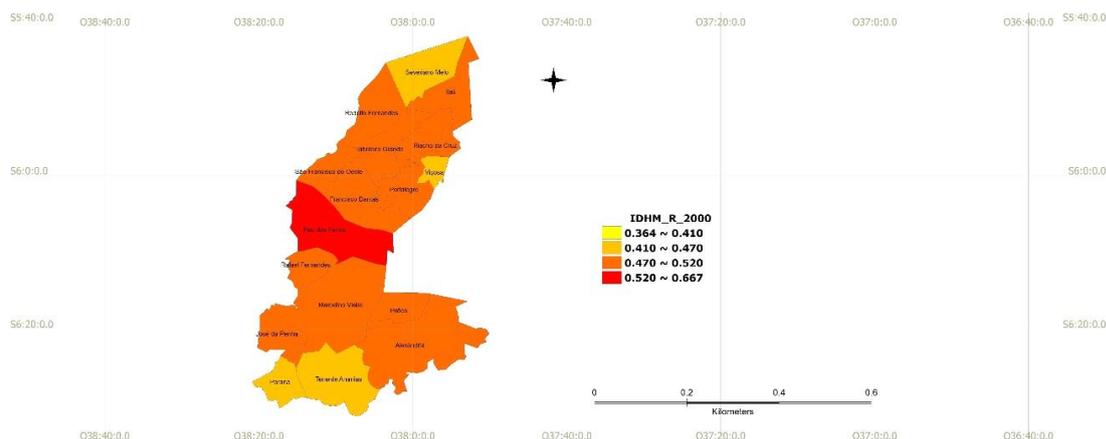
Fonte: Mapa base do IBGE, 2009. Adaptado por ALVES, L.S.F; ROCHA, F.W.L., 2014.

É necessário colocar que o estudo da vertente longevidade deve ser realizado juntamente a outras questões de análise como a renda e a educação.

Partindo da análise sobre os indicadores de longevidade na microrregião, direcionamos nosso estudo agora para outra vertente importante e que deve ser considerada

quando se procura entender a evolução do IDH-M de determinada região geográfica, dizendo respeito a renda. É a partir dela que são postos em análises questões como a expectativa de vida e educação da população.

Referente ao observado na dinâmica do IDHM-R da microrregião (**Figura 9**), verificamos que no ano de 2000 havia uma certa heterogeneidade entre os indicadores dos municípios, onde a maioria deles apresentavam-se em 0,470 à 0,520, e os municípios de Paraná, Severiano Melo, Viçosa e Tenente Ananias tinham sua renda representada em 0,410 à 0,470, sendo apenas o município de Pau dos Ferros que se destacou na microrregião, com uma renda de 0,520 à 0,667.



(Figura 9): Mapa do IDHM-R da Microrregião de Pau dos Ferros – 2000

Fonte: Mapa base do IBGE, 2009. Adaptado por ALVES, L.S.F; ROCHA, F.W.L., 2014.

Ao se observar o mapa da microrregião referente ao ano de 2010 (**Figura 10**), nota-se o aumento destes indicadores, no momento em que agora todos os municípios têm sua renda representada pelo valor de 0,520 à 0,667, sendo deste modo o IDHM-R o indicador que mais sofreu alteração no contexto da microrregião.

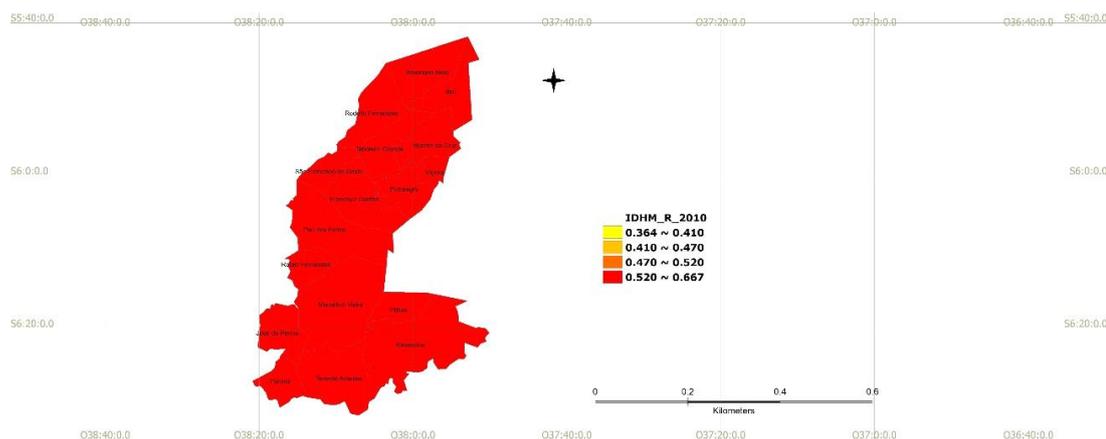


Figura 10: Mapa do IDHM-R da Microrregião de Pau dos Ferros – 2010

Fonte: Mapa base do IBGE, 2009. Adaptado por ALVES, L.S.F; ROCHA, F.W.L., 2014.

É importante destacar as contribuições de políticas transversais de governo, como exemplo o programa Bolsa Família, que condicionou outra configuração da renda da população, além do aumento da carga de funcionários a partir da descentralização de equipamentos públicos, como instituições de ensino (UFERSA, IFRN), que condicionaram deste modo o aumento da renda da região.

5 Considerações finais

No que diz respeito à microrregião de Pau dos Ferros, esta apresentou sempre um aumento dos índices de IDH, levando em conta os anos de 1991, 2000 e 2010. Significa a possibilidade de crescimento socioeconômico microrregional, porém análises de campo e dados qualitativos são fundamentais para melhor compreensão de qualquer realidade geográfica.

Pelas análises, percebemos que o município de Pau dos Ferros foi entre os demais, o que mais se destacou no contexto da microrregião, e que de fato ainda se destaca, mantendo sua posição enquanto cidade dinamizadora das relações estabelecidas na microrregião. Os municípios mais próximos a cidade de Pau dos Ferros, neste caso, Rafael Fernandes, Rodolfo Fernandes, Itaú e Taboleiro Grande, foram os que mais se aproximaram dos índices observados neste estudo, em contraponto a outros municípios como Paraná e Alexandria, que embora seguindo a tendência de crescimento dos indicadores fez este de forma mais lenta que os demais.

O aumento dos indicadores da microrregião de Pau dos Ferros se deu principalmente entre os anos de 2000 e 2010, devido entre outros fatores, à elaboração de políticas de assistência voltadas às questões de educação e saúde, o que conseqüentemente veio a alterar qualitativamente a expectativa de vida da população, na perspectiva da construção de um espaço que viabilize o desenvolvimento da sociedade.

Conclui-se deste modo que a utilização de indicadores sintéticos mostra-se de fundamental importância para o conhecimento espacial de determinada região.

6 Referências

BATELLA, W. B., DINIZ, A. M. A. Desenvolvimento humano e hierarquia urbana: uma análise do IDH-M entre as cidades mineiras. **Revista de Biologia e Ciências da Terra**, Campina Grande, n.2, p.367-374, 2006.

GUIMARÃES, J. R. S, JANNUZZI, P. M. IDH, indicadores sintéticos e suas aplicações em políticas públicas uma análise crítica. **Revista Brasileira de Estudos Urbanos e Regionais**, Recife, n.1, p.73-89, 2005.

IBGE. **Cidades @**. Disponível em: <http://www.cidades.ibge.gov.br/xtras/home.php>. Acesso em 06. Jul. 2014.

INSTITUTO NACIONAL DE PESQUISAS ESPACIAIS (INPE). **Projeto TerraView**. Disponível em: <http://www.dpi.inpe.br/terraview/index.php>. Acesso em 09. Ago. 2014

PAIXÃO, M. Desenvolvimento humano e as desigualdades étnicas no Brasil: um retrato de final de século. **Proposta**, Rio de Janeiro, n.86, p.30-51, set./nov. 2000.

PNUD. **O que é IDH**. Disponível em: <file:///G:/PNUD%20Brasil%20-%20Programa%20das%20Na%C3%A7%C3%B5es%20Unidas%20para%20o%20Desenvolvimento.htm>. Acesso em 23. Fev. 2014.